



A LITERATURA ASSISTIDA POR COMPUTADOR¹

Ana Lúcia Moraes

As principais críticas ao desenvolvimento da literatura assistida por computador, no momento atual, baseam-se em duas oposições : ciência *versus* literatura e homem *versus* máquina.

Alguns afirmam que, como o computador jamais poderia produzir textos de “qualidade” igual aos produzidos pelo homem, a máquina não passaria de mais uma técnica. Outros persistem na crença de que a ciência e a literatura sejam domínios radicalmente distintos em seus métodos e objetivos, não podendo produzir conjuntamente resultados positivos.

Veremos, primeiramente, um pequeno histórico de como, no Ocidente, a ciência e a literatura nasceram juntas, vindo a se separar a partir do Renascimento. Em seguida, veremos como, a literatura sempre foi uma máquina em hibridação com o homem. E, por fim, percorreremos algumas questões colocadas pela literatura assistida por computador, na atualidade.

I. CIÊNCIA E LITERATURA : UM LONGO CASAMENTO

Paul Braffort, em seu livro *Science et littérature: les deux cultures, dialogues et controverses pour l’an 2000*¹, faz um histórico do que ele chama de “separação das duas culturas”. Trata-se da separação entre literatura e ciência. Braffort distingue duas eras : uma Era da inocência, anterior às especializações e à dicotomia ciência *versus* literatura e a Era da

¹ BRAFFORT, P., *Science et littérature: les deux cultures, dialogues et controverses pour l’an 2000*, Diderot Multimedia, 1998.



experiência, que começa no Renascimento e culmina com o divórcio das duas culturas, apesar de várias tentativas de reconciliação.

A. A ERA DA INOCÊNCIA

A Era da inocência conhece dois grandes momentos – o momento grego e o momento islâmico.

1. O Momento grego

O momento grego, por sua vez, divide-se em três fases: na primeira fase que vai do mito ao *logos*, dá-se um deslocamento - as forças personalizadas no mito cedem lugar, pouco a pouco, a constituintes conceituados, como os elementos, que são reunidos por uma certa lógica; na segunda fase, a pré-socrática, a despersonalização e a conceituação se acentuam, mas os criadores, como Heráclito, Parmênides ou Empédocles são ainda artistas e sábios, situando-se “entre as coisas e as palavras”.

Clémence Ramnoux² identifica as manifestações das rupturas entre a fase dos aedos – fase das cosmogonias, e a fase pré-socrática através de uma escala epistemológica dos valores dos signos. Ao final dessa escala progressiva de tomada de consciência da autonomia da linguagem e do poder dos signos, temos a terceira fase da Era da inocência, a fase de Eurípedes, Platão e Aristóteles, na qual a poesia se separa da especulação científica e filosófica.

No entanto, são os sábios e artistas do Islã que nos legarão não somente o conhecimento grego, mas também os maiores exemplos, que persistem na literatura de nossos dias, de união entre ciência e literatura.

2. O Momento islâmico

A herança greco-romana nos foi transmitida e ampliada, como sabemos, pelo judaísmo e pelo islã. Os filósofos e sábios do Islã têm um papel fundamental na integração do conhecimento antigo ao pensamento cristão, integração decisiva para o futuro da cultura ocidental. Paul Braffort dirá:

² Ver RAMNOUX, C., *Héraclite ou l'homme entre les choses et les mots*. Les Belles Lettres, 1959.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

É preciso sublinhar a importância da atitude adotada frente ao ensinamento de Aristóteles ou, mais precisamente, na articulação das prioridades da pesquisa entre experimentação e formalização. Para muitos a revolução científica define-se precisamente pelo primado dado à experimentação. [...] ³

Braffort cita então dois autores que teriam marcado essa época : Al-Biruni e Raimundo Lúlio.

Al-Biruni (973-1048) foi um grande adepto e divulgador do método experimental. Astrônomo, matemático, lingüista, tradutor, crítico literário e escritor, transcreveu em versos árabes lendas persas e gregas e escreveu, além de seis romances, uma vasta obra científica e didática. Em todos os seus trabalhos defendia que se usasse a razão, tendo sua polêmica com Avicena sobre a Física de Aristóteles tornado-se famosa.

Mas, foi quando, Gerberto (945-1003), que se tornou o papa Silvestre II, descobriu o sistema de numeração árabe que se iniciou o que viria a ser uma ruptura radical, culminando na separação entre arte e ciência. Trata-se, no entanto, dos números e da técnica de posição decimal, sistema que desembocará nos algoritmos da aritmética elementar, presentes, em vários tipos de texto, mas especialmente de forma dominante em toda a poesia árabe que servirá de base para a poesia do amor cortês e para toda a poesia ocidental.

A vasta poesia mística, da época, explorava as possibilidades do cálculo literal, uma vez que na língua grega, na árabe e na hebraica, os números são designados por letras. Como pretendiam transmitir um conhecimento superior, impossível de ser alcançado por mera lógica, cifravam seus ensinamentos. O sistema básico de codificação chama-se Abjad. Aqui estão as letras e seus equivalentes:

Letra	Número	Letra	Número	Letra	Número
ALIF	1	YA	10	QAF	100
BA	2	KAF	20	R	200
JIM	3	LAM	30	SH	300
DAL	4	MIM	40	T	400
HA	5	NUN	50	TH	500
WAU	6	SIN	60	KH	600

³ BRAFFORT, P., *Science et littérature: les deux cultures, dialogues et controverses pour l'an 2000*, Diderot



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Z	7	AYN	70	DZ	700
HH	8	FA	80	DH	800
TT	9	SD	90	TZ	900
				GH	1000

As letras árabes têm, portanto, até mil equivalentes. Memoriza-se esse arranjo de letras da seguinte forma : “ABJAD HAWAZ HUTY KALMAN SAFAS QURSHAT THAKHDZ DHATZAGH”. Como se pode perceber, o nome do sistema provém da primeira seqüência de letras.

Poemas inteiros foram escritos de modo a encerrar conhecimentos e fórmulas matemáticas, assim como contas encerravam mensagens e poemas. Vejamos um exemplo simples⁴.

Supondo que devemos nomear um livro que contém mensagens disfarçadas como registros secretos. Chamamos o livro de *Fonte de registros*, em árabe *Umm* (mãe, matriz, fonte, princípio, protótipo) *el* (de) *Qissa* (registro, história, conto).

Podemos, em seguida, cifrar as letras, substituindo-as por seus equivalentes numéricos da lista Abjad. Se somarmos, o total é 267. Devemos procurar, agora, um título cujas letras somem também 267, como por exemplo: *Alf layla wa layla*. O que significa *As mil e uma noites*. Tal procedimento, no caso do livro *As mil e uma noites* estende-se às histórias que encerram enigmas lógicos difíceis, alguns só revelados na lógica moderna⁵, em vários níveis diferentes de leitura. Seria isso ciência ou literatura?

Raimundo Lúlio (1235-1315) é citado por Braffort como talvez o último criador universal. Admirado por Borges, Lúlio em sua obra literária propõe lógicas narrativas inovadoras, propondo igualmente em sua lógica, impregnada dos clássicos e da sabedoria muçulmana, mecanismos originais de cálculo que serão desenvolvidos sete séculos depois por Jevons.

Fazendo um salto de um século, encontramos Jean Meschinot (1415-1491), inventor de um modelo de poesia combinatória, *Oração por oito ou dezesseis*, também chamado *Litanias da Virgem*, que propõe um sistema de oito decassílabos formados de hemistíquios

Multimedia, 1998, p.p. 47-48.

⁴ Sobre o exemplo citado e a explicação do sistema abjad, ver SHAH, I., *Os Sufis*, São Paulo, Cultrix, 1977.



que constituem proposições independentes. A permuta dos hemistíquios dos versos, respeitando-se o sistema de rimas, fornece litâneas diferentes. O número de possibilidades combinatórias eleva-se a 36864. Sabendo-se que Leibniz vem propor sua teoria combinatória em 1666, constatamos que a poesia se antecipou à teoria.

Poderíamos ver inúmeros exemplos de como a literatura e a ciência nasceram juntas e unidas permanecerem até os dias de hoje. Só que até o Renascimento, os exemplos de união são maioria, constituindo, depois, exceções.

B. A ERA DA EXPERIÊNCIA

O artista do Renascimento contribui, com suas invenções geométricas e gráficas, para a revolução científica do século dezessete. Também as técnicas narrativas repercutem na apreensão científica dos fenômenos. No entanto, como afirma Patrick Grant:

[...] a descoberta do método científico precipita um divórcio tipicamente moderno entre a física e a metafísica, e obriga assim, os poetas a estudar com uma nova consciência as relações entre as imagens fictícias e a realidade.⁶

No entanto, muitos são os autores que tentaram reconciliar a ciência e a literatura desde seu divórcio: Kepler (1571-1630), astrônomo e escritor, Cyrano de Bergerac (1619-1655), poeta e físico, Denis Diderot (1713-1784), que publicou obras científicas, filosóficas e literárias. A propósito de Diderot, dirá Suzanne Pucci:

Em razão do divórcio entre ciência e literatura, literatura e filosofia, divórcio cuja origem Barthes situa já no século XVI, a obra de Diderot demonstra (o que seria impensável antes do advento da crítica moderna): que uma metodologia proclamando a necessidade de uma ciência experimental para uma consciência verídica do mundo objetivo da natureza é construída a partir das estruturas retóricas mesmas que uma tal metodologia quer proibir.⁷

⁵ Ver SMULLYAN, R., *O Enigma de Sherazade; e outros incríveis problemas das Mil e uma noites à lógica moderna*, Rio de Janeiro, Zahar, 1998.

⁶ Citado por BRAFFORT, P., *Science et littérature: les deux cultures, dialogues et controverses pour l'an 2000*, Diderot Multimedia, 1998, p.65.

⁷ BRAFFORT, P., *Science et littérature: les deux cultures, dialogues et controverses pour l'an 2000*, Diderot Multimedia, 1998, p.68.



O caso de Diderot é especialmente importante para a literatura latino-americana. Diderot era fascinado pela possibilidade de tornar idênticas a intensidade da presença e a simultaneidade da expressão, o que o levou a criticar a noção linear e progressiva do tempo preponderante no Iluminismo. A influência exercida por Diderot e por Laurence Sterne (1713-1768) em Machado de Assis, marcou de forma definitiva a tradição da literatura brasileira. Nosso maior clássico já faz em sua obra, de um modo mais radical, essa crítica à concepção linear do tempo, característica essencial da literatura contemporânea como veremos a seguir.

II. A MÁQUINA-LITERATURA NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX

Embora chamemos indistintamente de literatura os textos dos quais trataremos a seguir, nossa preocupação principal será com textos narrativos, uma vez que seu caráter eminentemente linear propõe um maior número de desafios e questões à literatura assistida por computador.

Trataremos da narrativa na segunda metade do século XX, porque é a partir desse momento que surgem as primeiras tentativas de produzir textos com computadores. Nosso objetivo é verificar se as questões colocadas pela narrativa contemporânea diferem de modo essencial daquelas colocadas pela literatura assistida por computador.

Podemos constatar algumas mudanças nos agenciamentos de leitura e escrita a partir da segunda metade do século XX, evidenciadas, principalmente, por uma constante crítica à concepção linear e progressiva do tempo : a convergência, nos textos, de diferentes tipos de temporalidade, a integração nos textos de elementos da tradição e a tentativa de compreensão do funcionamento da literariedade. Para compreendermos os procedimentos de linguagem presentes nos textos, usaremos como exemplo um romance, *Le Domaine d'Ana*, do escritor francês Jean Lahougue.

Le Domaine d'Ana é um romance presidido por regras difíceis, que foram definidas antes da escrita do texto. Tais regras chamam-se em francês “contraintes”. Como desconheço uma tradução adequada para essa palavra e como repetir “regras definidas antes da escrita do texto” seria extremamente desagradável, manteremos a palavra francesa.

Não é somente para a palavra que não há tradução adequada. Para esse tipo de romance não há, realmente, a possibilidade de tradução, já que qualquer tradução teria que ser



uma tradução das “contraintes”, e não do texto. Esse tipo de romance é uma máquina-texto “programada” para ser usada como ponto de partida para a geração de outros textos.

Já vimos como os sábios islâmicos exploravam a possibilidade de cálculos literais. Veremos agora, brevemente, como essa possibilidade vem sendo explorada na atualidade.

A. AS “CONTRAINTE” E O OULIPO

O OULIPO (OUvroir de Littérature POTentielle) foi fundado por Raymond Queneau e François Le Lionnais que tinham como objetivo reunir escritores e matemáticos interessados nas questões da criação literária com regras previamente estabelecidas. A escrita sob “contrainte” remonta à antiguidade, mas os oulipianos, embora prestando homenagem aos que eles chamam seus “plagiadores por antecipação”, querem definir e inventar novas formas de utilização de estruturas matemáticas não triviais. O exemplo de romance escrito a partir de “contraintes” mais conhecido e reconhecido é, sem dúvida, *La vie mode d'emploi* de Georges Perec editado pela Hachette em 1978.

A iniciativa desse grupo tornou-se extremamente famosa na França, onde tem muitos seguidores, mas também se espalhou por vários países, tendo gerado, entre outras conseqüências, um grupo, como veremos mais adiante, que passou a se dedicar a um trabalho próximo ao do OULIPO, mas exclusivamente feito por computador – o ALAMO. Por enquanto voltemos a *Le Domaine d'Ana*.

B. UM EXEMPLO : *Le Domaine d'Ana*

Le Domaine d'Ana foi publicado em 1998 pelas Edições Champ Vallon. Trata-se de um romance cujas “contraintes” convocaram a utilização de um romance de Jules Verne *Voyage au centre de la terre* e do romance *A invenção de Morel* de Adolfo Bioy Casares.

O romance tem um resumo simples: um sábio lingüista, o professor Brideuil, que o jovem narrador, Alex, chama de tio, herda de seu irmão, Théo, umas terras – le Domaine d'Ana (o Domínio de Ana), nome da jovem esposa do professor, irmã de Alex. O professor e seu discípulo partem para o Domínio cujas paisagens parecem ser uma materialização informática, virtual, engendrada por uma invenção do irmão de Brideuil, do diário escrito pelo narrador, Alex. Presos no Domínio de onde não conseguem escapar, o tio e seu sobrinho atravessam essas paisagens tornadas literárias e literais e a história torna-se uma constante



interpretação de textos. Somente a descoberta das “constraintes” permite a resolução do enigma. Para os personagens a descoberta das “constraintes” significa a possibilidade de sair do Domínio. Para o leitor, significa a possibilidade de ler o fim do romance.

1. As “constraintes” do romance

Apresentaremos as constraintes geradoras do romance *Le Domaine d’Ana* de modo resumido.

- a. As regras criptogramáticas : lendo-se, na ordem, as letras médias das palavras do oitavo capítulo do romance, capítulo central do romance, obteremos um novo texto. Ao usar o mesmo procedimento nesse novo texto obteremos, no centro do livro, portanto, a palavra “Ana”.
- b. A leitura na ordem inversa, de trás para frente, das palavras centrais de todas as frases do romance permitirá a reconstituição de um novo texto que é, em realidade, o epílogo do romance. Utilizando-se o mesmo procedimento nesse epílogo, encontraremos a palavra “Ana”.

Existem outras regras que fazem aparecer outros textos que complementam o romance. Existem também regras numéricas - são quinze capítulos de quinze páginas, que envolvem até mesmo sofisticados versos alexandrinos. Outras regras dizem respeito às imagens que reproduzem, se divididas em quadrados, esse encaixe do texto. mas as regras enunciadas são as fundamentais para a compreensão do tipo de texto de que se trata.

As “constraintes” representam uma tentativa de controlar tanto quanto possível os componentes do texto, para que as escolhas efetuadas não sejam determinadas por causas desconhecidas, mas por causas concebidas conscientemente. Negando a autoria como mero exercício de subjetividade, as “constraintes” vêm evidenciar a materialidade da função autor e do texto, assim como a técnica que o produz.

Por outro lado, esse procedimento está de acordo com a preocupação com a recepção do leitor. Na medida em que as regras que presidiram à construção do texto podem ser enunciadas e retomadas numa reescrita.

A reescrita está relacionada ao conceito de intertextualidade. Em vez de tentar esconder suas influências, o autor deixa-as claras, chegando a fazer referência explícita a elas.



O procedimento mais radical de reescrita dá-se quando um texto é o ponto de partida de outro, como é o caso nesse romance.

Constatamos que *Le Domaine d’Ana* permite uma leitura realista, mesmo que o leitor deva permanecer, nesse caso, sem conhecer o epílogo do romance.

No entanto, o texto, ultrapassa a dimensão meramente realista, para propor também uma dimensão metatextual, em que o romance remete também à conscientização dos procedimentos que o constituem. Ocorre uma tensão entre o pacto realista e o pacto metatextual, o texto propõe uma mise en scène, no seu interior, dessa tensão entre duas estratégias de leitura diferentes. O que se evidencia é que tanto a leitura como a escrita dependem de estratégias materialmente detectáveis e definíveis. Quais seriam as estratégias ou procedimentos privilegiados nesse tipo de texto?

Além da retomada de outros textos que se imbricam na narrativa, formando quase um hipertexto, e o uso de “contraintes” que são regras que programam o funcionamento textual desde o nível de sua intriga até o da escolha das palavras, podemos citar como características dos procedimentos de linguagem presentes nos textos atuais e detectáveis em *Le Domaine d’Ana*;

- 1) a relação da imagem com o texto. Como vimos, Jean Lahougue, no romance *Le Domaine d’Ana*, introduz mudanças tipográficas e ilustrações que estão relacionadas com as “contraintes”.
- 2) A confusão actancial. O narrador é um dos personagens e ao mesmo tempo é co-autor involuntário do programa dentro do qual se encontra prisioneiro. É preciso sublinhar que Alex só controla o que programa ou programou até um certo ponto.
- 3) A ambigüidade temporal. Como os leitores do romance tornam-se leitores de uma leitura que o co-autor involuntário faz do texto que, em parte, escreveu, estão envolvidos em paradoxos temporais.
- 4) A incitação à participação do leitor. Esses paradoxos temporais, aliados às “contraintes” obrigam o leitor a participar da programação do texto para poder ler seu final.

Um efeito de leitura obtido é muito próximo da vertigem, já que diversas possibilidades se abrem simultaneamente – contar as letras, ler o texto ao contrário, ler o texto na ordem, decifrar cada parágrafo. O outro efeito obtido é o do devir da leitura-escrita. Ler *Le Domaine d’Ana* é de fato reescrevê-lo, percorrendo os caminhos de sua construção.



Muitas das características apontadas nos textos que mencionamos estão presentes na literatura assistida por computador. Outras características são específicas desse novo tipo de literatura.

III. A LITERATURA ASSISTIDA POR COMPUTADOR

Em 1961 aparece pela primeira vez a expressão “literatura combinatória”. Usada por François Le Lionnais, co-fundador do OULIPO – , no seu posfácio ao Cent Mille Millions de Poèmes, de Raymond Queneau. Queneau propunha um sistema que explorava as possibilidades de combinação de dez sonetos cortados em quatorze pedaços. Algumas versões informatizadas foram criadas, organizando as seleções.

Paralelamente, etnólogos, lingüistas, especialistas em inteligência artificial, apoiando-se nas análises de Propp, pesquisam sobre a geração informática de textos e tentam desenvolver linguagens especializadas que permitirão ganhar tempo na programação. É assim que de 1965 a 1985, ano de publicação de Text Generation por Kathleen McKeown, várias tentativas são realizadas.

Marcel Bernabou, Jacques Roubaud e Pierre Lusson definiram procedimentos algorítmicos para a criação de textos segundo certas “contraintes” que foram em seguida informatizadas. Não houve, portanto, descontinuidade entre a exploração do cálculo literal na antigüidade e a produção de literatura assistida por computador e em 1981, Jacques Roubaud e Paul Braffort propuseram a criação de um novo grupo que viria a se consagrar unicamente à literatura e à informática, o ALAMO – (Atelier de Littérature Assistée par la Mathématique et les Ordinateurs) que reuniu escritores, professores, lingüistas, pesquisadores de inteligência artificial e pedagogos.

Foram os componentes do ALAMO que definiram três níveis para a literatura assistida por computador.

A. A literatura combinatória



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Pode-se considerar a literatura combinatória como o nível básico da criação literária assistida por computador. O computador, nesse caso, funciona como uma espécie de editor que realiza o que uma pessoa não poderia. Como por exemplo realizar todas as possibilidades dos *Cent Mille milliards de poèmes* de Queneau.

B. Substituição e filtragem

A substituição, excelente para realizar textos com “contraintes”, consiste em preparar listas de palavras ou grupos de palavras que substituirão outras selecionadas em textos existentes. A filtragem consiste na definição de atributos para cada entrada do léxico de modo que os textos produzidos sejam aceitáveis segundo regras sintáticas, semânticas e estilísticas precisas. Quase todas as criações literárias assistidas por computador efetivamente operacionais pertencem a esse nível.

C. Os programas geradores de texto

No terceiro nível deveríamos encontrar criações que tivessem sua lógica narrativa e sua estrutura da intriga dirigidas pelo programa. Embora haja realizações com bastante sucesso nesse nível, agramaticalidades ocorrem com certa frequência, impedindo-nos de considerar que este nível já tenha sido plenamente alcançado. O que, por outro lado, não impede que já se dêem vivas e acaloradas discussões sobre o tema.

IV. AS QUESTÕES SUSCITADAS PELA LITERATURA ASSISTIDA POR COMPUTADOR

Para apresentar as principais questões colocadas pela literatura assistida de terceiro nível, vamos nos basear no trabalho de Jean-Pierre Balpe, professor da Université de Paris



VIII. Começaremos com as palavras iniciais de sua apresentação nas três jornadas sobre literatura e informática que ocorreram em Paris, em 1994. Disse Balpe:

Na minha exposição, só tratarei de “literatura informática”. Não de um “literatura informatizada” ... Penso que vocês percebem a diferença. A “geração” faz a diferença. Durante toda minha intervenção, a fim de ilustrar meu propósito, um computador gerará sobre a tela aqui presente, pelo menos eu assim espero, literatura. Não me perguntem o que ele vai escrever : só tenho uma vaga idéia ... Tudo o que posso afirmar é que ele poderia escrever assim, ou de outra forma, infinitamente, e que, se ele recomeçar daqui a uma hora, o que ele escreverá será diferente. Não me peçam tampouco uma cópia do texto produzido durante essa sessão : uma vez que eu posso, em qualquer momento e em qualquer lugar, obter novos textos, igualmente interessantes, nada será conservado.⁸

Temos nessa única citação reunidas quase todas as questões mais importantes discutidas sobre a literatura informática : para que serve uma literatura que não se conserva? ; qual o lugar reservado a seu autor e quem é o autor desses textos? ; qual é a qualidade desses textos, como definir seu valor? e, finalmente, como interpretar esses textos?.

Primeiramente, é preciso ressaltar que inúmeros professores e escritores consideram que o computador jamais será capaz de substituir o homem na escrita literária⁹. Parece-me evidente que um computador não precisa de literatura e que não teríamos razão nenhuma para querer substituir os escritores. Assim como não deixamos de contar histórias oralmente, também não seremos obrigados a escrevê-las sempre usando um programa gerador de textos.

A real questão embutida na idéia acima exposta é a mesma que opõe o gênio à técnica. Ora, sempre usamos diversas técnicas para produzir histórias. A matemática sempre esteve presente na literatura. Que os algoritmos sejam usados pelo homem, independentemente do computador, não o torna menos híbrido. O escritor e o leitor, na antigüidade, no século XII ou no século XX sempre foram híbridos – homem-máquina-literatura. A literatura não programada jamais existiu.

A autoria de um texto é sempre remetida a quem o programa. Que esse programa não possa ser remetido a uma intenção de comunicação relacionada diretamente ao texto, não é uma questão nova. O que dizer dos textos cifrados que escondiam questões lógicas? O que dizer das “contraintes”? Desde que Bakhtine e Kristeva evidenciaram a intertextualidade de

⁸ BALPE, J-P., *Littérature e Informatique : la littérature générée par ordinateur*, Artois Presses Université, 1995.



qualquer texto, a intenção autoral migrou para o ato de produzi-lo, deixando de residir em seu conteúdo. A teoria dos atos de fala evidenciou que o que se faz quando se fala é tão importante quanto o que se diz. O programador realiza um ato e o texto produzido por computador criará sentido segundo a capacidade de seu leitor, assim como qualquer outro texto.

Quanto a que valor atribuir a uma produção literária gerada por computador, podemos dizer que todo texto tem sua qualidade literária avaliada socialmente, pela comunidade à qual pertence, e individualmente, segundo, de novo, a capacidade e os interesses do leitor. Não existe nenhuma essência do literário, existem graus de trabalho na materialidade da linguagem. Não há uma descontinuidade entre uma língua da literatura e uma língua de uso corrente.

As questões que a literatura assistida por computador vêm colocar e que são realmente novas e inerentes a essa nova tecnologia são as dos níveis de interatividade – que se encontram extremamente multiplicadas, podendo fazer o leitor passar a ser co-autor dos textos; as das novas possibilidades de imbricações de espaço e tempo – com os hipertextos e com a possibilidade de uma escrita múltipla se desenvolver em rede; as da exploração de sons, imagens e ritmos que vêm provocar novas percepções muito diferentes das provocadas na página escrita e, finalmente, a mais assustadora, o fim da interpretação.

A multiplicação infinita dos textos torna inútil e impossível a sua conservação. Conseqüentemente, ficamos impossibilitados de produzir interpretações. O próprio surgimento da interpretação estava ligado à fixação dos textos na escrita. Agora a escrita infinita define a morte da interpretação. Nesse ponto, parece residir o principal incômodo causado pela literatura assistida por computador. Os textos produzidos por computador não podem ser avaliados, medidos, qualificados, etiquetados, dissecados. Podem ser usados como textos a serem lidos e seus programas, como geradores de outros textos a serem, simplesmente, lidos. Trata-se do “happening” do literário.

Mas a quem o “happening” do literário poderia assustar? Somente a quem gostaria de poder controlá-lo, já que nós contamos estórias todo o tempo. Quando escrevemos, é claro, mas também quando cozinhamos, namoramos, fazemos compras ou dormimos. Todas essas atividades requerem uma narrativa, requerem para a sua análise ou realização várias técnicas e

⁹ Ver *Tem: Texte en main, L'Atelier du texte*, Grenoble, 84/85.



ciências. São verdadeiros “happenings”. Somos também o que contamos. Mais do que uma exploração curiosa de novas possibilidades, o aprimoramento de nossas histórias, através da técnica, da ciência ou do que dispor-mos, é o que não deixamos de buscar.

Resumo:

As principais críticas ao desenvolvimento da literatura assistida por computador, no momento atual, baseam-se em duas oposições : ciência *versus* literatura e homem *versus* máquina. Esse texto tenta mostrar como no Ocidente, a ciência e a literatura nasceram juntas, vindo a se separar a partir do Renascimento; como, a literatura sempre foi uma máquina em hibridação com o homem; como se propõe uma teorização da literatura assistida por computador através de níveis (o combinatório, o da substituição e da filtragem e o dos programas geradores de texto); como algumas questões discutidas acerca da literatura assistida por computador não são novas nem inerentes à nova tecnologia, mas sim meros pré-conceitos recorrentes na teoria literária e, por fim, apresentamos, brevemente, as questões que a literatura informática suscita ou pode vir a suscitar. Chega-se à conclusão que a falta de controle, de medida e de interpretações possíveis desse tipo de texto é o que parece assustar mais os teóricos e escritores.